

***Alt-Right* e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo**

Alt-Right and the White working class in USA: the modern face of contemporary conservatism

Tatiana Poggi*

Resumo

Este artigo pretende apresentar algumas reflexões preliminares sobre a formação social e histórica do *white trash* e de setores médios recentemente proletarizados, bem como sua articulação e organização política na rede conservadora, conhecida como *Alt-Right*. Para tal, buscaremos inicialmente apresentar uma definição teórica para a política de Trump nos contornos do neoliberalismo. Seguiremos por apresentar a variedade de propostas societárias conservadoras que compõem a constelação política da *Alt-Right*, dando contorno teórico mínimo aos principais grupos políticos presentes. Por fim, procuraremos tecer algumas considerações sobre autores, filosofias e concepções de mundo que inspiram e influenciam a *Alt-Right*, notadamente Edmund Burke, Russel Kirk e os paleoconservadores, Herbert Spencer e Julius Evola.

Palavras-chave: *Alt-Right*; Trump; Conservadorismo; Estados Unidos da América.

Abstract

This article intends to discuss the social historical formation of the white trash and middle strains of the white working class that have undergone proletarianization, providing means to understand their political organization in the conservative political cluster known as Alt-Right. We start by presenting a political definition to Trump's government as neoliberal. The Alt-Right is composed of a variety of conservative groups and media expressing a variety of societal projects. Finally, the article will examine some of the philosophers and world views that inspire and have influenced the Alt-Right, such as Edmund Burke, Russel Kirk and the paleoconservatives, Hebert Spencer, and Julius Evola.

Keywords: *Alt-Right*; Trump; Conservatism; United States of America.

* Professora do Instituto de História e do PPGH-UFE

Classe trabalhadora branca, a política da frustração e o populismo de direita

Ao longo da construção da campanha presidencial, Trump conquistou uma base larga e heterogênea. O conjunto social que o circunda é bastante plural, dotado de engajamento e organicidade política desiguais e com demandas e interesses variados. Lá se encontram amplas parcelas dos setores médios, apavoados com a perspectiva de proletarização cada vez mais real a partir do neoliberalismo; um conjunto de homens brancos de meia idade, que não vislumbram mais o sonho americano, uma geração que viu cair por terra todo um imaginário em torno do *self-made man*, de certo modo tudo o que os fazia se entenderem como americanos; uma substancial parcela da classe trabalhadora branca, ressentida e insegura com perdas históricas de *status* e privilégios; e, evidentemente, setores do empresariado como bancos, indústria de energia, setor hoteleiro e do entretenimento, construtoras e prestadores de serviços sociais variados (educação, saúde, prisão, correios)¹. Em um contexto de desencanto e crise de expectativas, setores tão diferenciados apostaram em um nome e garantiram a eleição a Trump.

Como veremos ao longo do artigo, Trump se alimenta do medo, do desespero, do orgulho ferido e da perda de lugar social de parcelas significativas da classe trabalhadora branca norte-americana. Trump é filho da crise, do esgarçamento das contradições do Capital em fins do século XX, porém é mais que isso. Como outras personalidades políticas promotoras do ódio e da intolerância na atualidade, Trump é também filho do neoliberalismo, desse projeto de esmagamento social e triturador da classe trabalhadora que se difunde mundialmente como paradigma orientador da vida e que só atende aos interesses de expansão e lucratividade de frações determinadas do empresariado. Para a classe trabalhadora, a solução neoliberal só trouxe mais crise, mais desespero, perda de direitos, endividamentos e expectativas frustradas (Holloway & Bonfeld, 1991; Mészáros, 2002; Apple, 2003; Duménil & Lévy, 2014). A alternativa trazida por Trump não visa reverter nenhum desses aspectos; em verdade, ele aprofunda ainda mais a crise, alimentando-a com ódio e intolerância, jogando os grupos sociais uns contra os outros, desviando a atenção das consequências sociais do Capital para uma caçada aos bodes expiatórios. Ele se apresenta como defensor dos diretos e interesses do trabalhador branco norte-americano, de um suposto “homem

¹ Sobre os grupos empresariais que ganharam projeção e vantagens a partir do neoliberalismo e no governo Trump ver: WOLFE (1981), APPLE (2003), WOOTEN (2009).

“Senado dos EUA aprova reforma fiscal de Trump que beneficia empresas”. El País. 2/12/2017. <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/internacional/1512198998_778781.html>.

“Trump Budget Proposal Cuts \$9 Billion from Department of Education”. 16/03/2017. <<https://www.wsj.com/articles/trump-budget-proposal-cuts-9-billion-from-department-of-education-1489684887>>.

comum”, provedor da família etc. A esse sujeito, massacrado pelo Capital, descrente nas instituições e alternativas políticas colocadas pela democracia liberal, Trump oferece ódio e bodes expiatórios como solução para o descontentamento social. Com uma retórica nacionalista e discriminatória, ele manipula e alimenta uma cultura do ódio, atraindo desde conservadores tradicionais, simpatizantes e membros de grupos de ódio, até sujeitos engajados oriundos de movimentos sindicais. Essa mesma retórica, a promoção da cultura de ódio e a truculência de uma parcela de sua base fez com que seu governo fosse definido através das mais diversas chaves conceituais – neoliberal, conservador, populista de direita e até mesmo fascista – causando uma enorme confusão teórica e dificultando a apreensão do fenômeno pelo que ele é na prática, para além do discurso.

Sua surpreendente ascensão política acalentou ressentimentos, medos e inseguranças de uma parcela expressiva da classe trabalhadora branca norte-americana. Para um estrato mais empobrecido e relegado à margem da sociedade, popularmente conhecido pelo codinome derogatório de *white trash* ou lixo branco, esses medos, ressentimentos e inseguranças remontam a um período mais antigo. Já os setores médios, historicamente marcados por serem um estrato da classe trabalhadora que experimentou ascensão social, podemos dizer que vivem em constante medo de proletarização, porém, uma real insegurança e ressentimento são percebidos mais recentemente, derivados dos impactos sociais da mais recente crise estrutural do Capital.

Detenhamo-nos sobre o *white trash* primeiramente. Esse peculiar conjunto de brancos pobres, com baixo nível educacional, especialmente concentrados nas zonas rurais do Sul e do meio Oeste sofreu dois grandes “golpes” no decorrer da história dos EUA, alterando sensivelmente seu status social. Esses foram: a abolição da escravidão e o fim do regime segregacionista de *Jim Crow*. Esses processos inauguraram mudanças no sentido de maior inclusão social, do respeito à diversidade e em defesa do multiculturalismo, comprometendo sensivelmente a autoestima dessa parcela empobrecida e desvalorizada da classe trabalhadora norte-americana por retirar justamente os símbolos de distinção que garantiam uma suposta superioridade e privilégios diante dos “outros”.

A reação a essas transformações que colocaram abaixo privilégios de fundo cultural e político veio de forma agressiva, sobrepondo-se, em muitos casos, mesmo ao interesse de classe que poderia ter se fortalecido com a integração econômica e posteriormente civil e política dos trabalhadores negros.

Expressões de revolta e inconformismo, grupos como a *Ku Klux Klan*, bem como a reconstrução de um regime segregacionista na forma de *Jim Crow*, cumpriram uma função social e política de suma importância, neutralizando politicamente o *white trash* e redirecionando uma possível revolta de cunho social para a questão racial. Consequentemente, acabou-se por reforçar a ideia do bode expiatório em detrimento da classe, como se o problema estivesse na inclusão e

na ascensão social do negro, e não no fato vergonhoso do *white trash* ser descrito e entendido como lixo!

Sigamos agora com os setores médios brancos. Esses constituem uma parcela da pequena burguesia branca que em diversos momentos de expansão e desenvolvimento do capital viu-se esmagada pelo processo tendencial de concentração e centralização do capital. Nos EUA, o crescimento dos monopólios impulsionados pela expansão das ferrovias levou a um esmagamento gradativo do pequeno produtor rural e do pequeno comerciante urbano, o primeiro devorado pelo trator e o segundo pelos trustes (Sweezy & Baran, 1966, pp. 224-228). Historicamente, esse setor esteve representado no campo pelo *farmer*, o pequeno produtor, e na cidade pelo pequeno comerciante. Com o desenvolvimento do capitalismo liberal, especialmente no alvorecer do século XX, tanto um como o outro, enfrentaram um gradual processo de exclusão, o que alimentou resistências e revoltas, especialmente no que foi conhecido como movimento populista, com a fundação de um partido próprio em 1891.

Há uma longa tradição historiográfica que procurou entender o populismo como um movimento de esquerda, alinhado com a defesa de reformas e políticas intervencionistas em favor dos interesses dos grupos subalternos contra o caráter elitista e predatório do grande capital, representado por banqueiros, donos de ferrovias e grandes produtores rurais (Parrington, 1930; Woodward, 1938; Pollack, 1962; Goodwin, 1976). A crítica a essa perspectiva surge com o historiador liberal Richard Hofstadter, em seu clássico, *The Age of Reform* (1960). Nesse livro, os populistas passam a ser retratados como um coletivo de pequenos proprietários revoltados, frágeis e inseguros com sua situação de declínio, contrapondo-se na mão contrária da história à América moderna e industrial. Os populistas são apresentados como criaturas provincianas, nostálgicas e, em alguma medida, tanchos, avessos ao intelectualismo, nativistas, alimentando teorias conspiratórias, ancoradas em bodes-expiatórios. Aqui sim, temos a primeira interpretação conservadora do populismo, de onde derivará o conceito do populismo de direita como chave interpretativa para movimentos nacionalistas reacionários.

Esse alargamento do conceito de populismo se popularizou entre os anos 1980 e 1990 através dos trabalhos de Margaret Canovan e Michael Kazin. O estudo de Canovan mapeia as diversas expressões de populismo, que vão desde os movimentos agraristas do final do XIX (Partido populista dos EUA, os *narodniki* russos e as revoltas camponesas na Europa do entreguerras), passando pelos casos latino-americanos dos anos 1930 e 1940, a *Ku Klux Klan* e demais supremacistas brancos contrários aos direitos civis nos EUA e lideranças carismáticas de modo geral. Tantos movimentos diferentes teriam em comum o fato de se apresentarem como antielitistas e exaltarem o povo (Canovan, 1981, pp. 294. *apud*. Berlet & Lyons, 2000, pp. 4). Kazin segue a mesma linha, argumentando que o populismo constituiria uma tradição política e ideológica plural, podendo se

manifestar por todo espectro político da esquerda à direita e sendo definido basicamente pela retórica. Esta, seria marcada por um discurso eloquente, rebelde e romantizado, exaltando a esperança e inspirando o homem comum no sentido de uma vida melhor. O populismo de direita seria, então, derivado do descontentamento em relação a uma situação de opressão e canalizado contra minorias, transformadas em bodes-expiatórios e responsabilizadas pelo infortúnio do grupo majoritário (Kazin, 1995 *apud* Berlet & Lyons, 2000).

Um conceito de populismo trabalhado nesses termos, sem maior atenção à reflexão sobre o caráter ideológico, bem como os fundamentos teóricos e filosóficos que ancoram tais projetos de sociedade, mostra-se vazio. Um conceito tal que explica uma miríade tão ampla e variada de experiências históricas perde validade explicativa. O que se tem é um conceito com pouca aplicabilidade, pouco instrumentalizável, uma vez que é desprovido de conteúdo político.

A mobilização política do desespero social

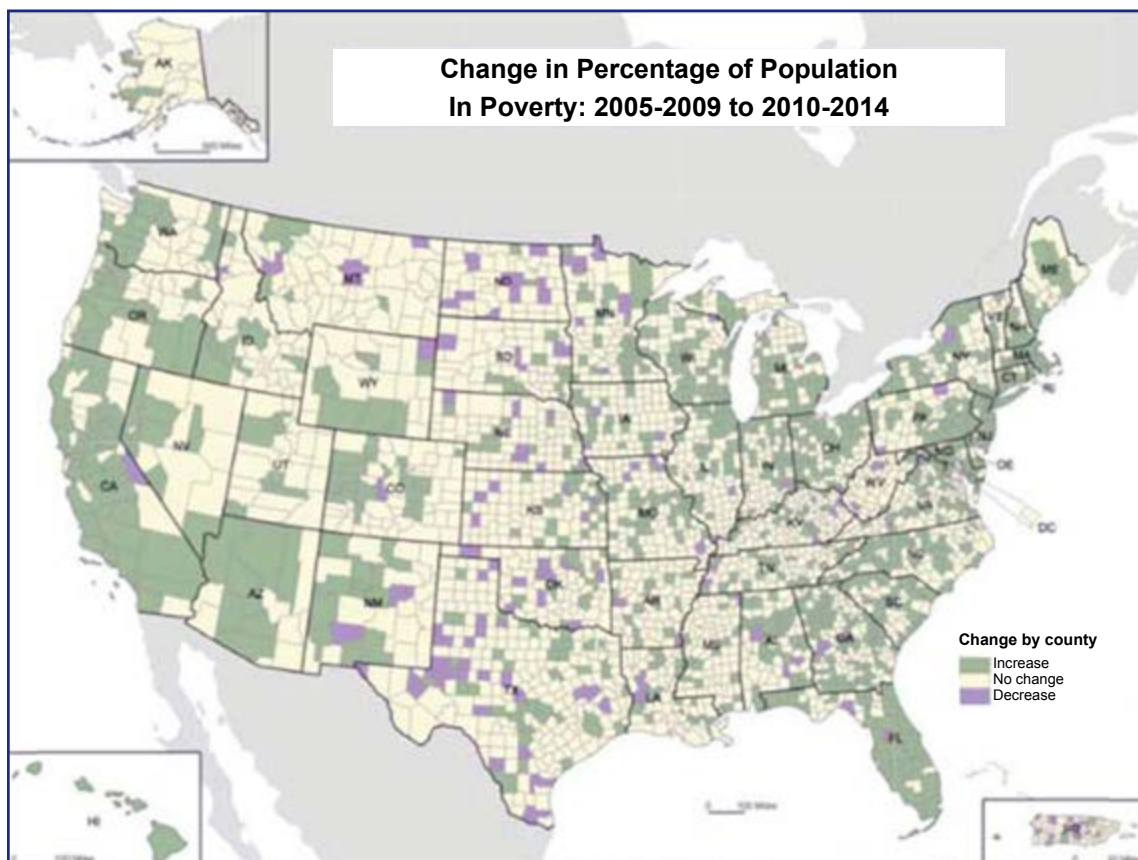
O avanço do movimento pelo direitos civis irá engrossar o caldo de revolta e essa frustração por parte dos segmentos conservadores da classe trabalhadora branca. Conquistas significativas como a lei federal que proíbe a segregação nas escolas (*Brown Vs Board of Education*) em 1954, os boicotes a ônibus iniciados por Rosa Parks, as marchas e protestos liderados por Martin Luther King e Malcolm X, as viagens combativas do Ônibus da Liberdade e os corajosos *Sit-ins* sacudiram o país, colocando o engajamento e o ativismo na ordem do dia. O movimento pelos direitos civis estimulou o ativismo não apenas de organizações de afro-americanos, mas de outros grupos subalternizados que fizeram dos anos 1960 e 1970 décadas de profunda reconstrução e reavaliação da história e do sentido de América. Essas transformações no sentido da ampliação da cidadania, bem como do respeito e apreciação da diversidade e do multiculturalismo, geraram ressentimentos, descontentamento e uma reorganização do conservadorismo nos EUA no sentido de combater o que foi entendido por muitos setores como deslocamento social e perda de privilégios.

Institucionalmente, os Democratas arregimentaram essa revolta frustração até meados dos anos 1960, ao manter oficialmente a bancada sulista do partido, declaradamente afinada com a política segregacionista, representada por políticos como George Wallace e Storm Thurmond. Essa bancada, todavia, não consegue se sustentar muito tempo mais em meio aos Democratas, migrando com o tempo, para outros partidos como o *States' Rights Democratic Party* ou para o Partido Republicano. O crescimento do ódio organizado em coletivos da sociedade civil é significativo a partir da década de 1970, fazendo com que o próprio FBI comece a monitorar grupos fascistas em franco crescimento como a *National Alliance*, a *Aryan Nations* e a *Ku Klux Klan* através do projeto COINTELPRO-WHITE

(Drabble, 2007; Poggi, 2015). Será em torno desses coletivos, alguns de caráter abertamente fascista, outros com uma conformação conservadora mais tradicional, bem como em uma bancada conservadora do Partido Republicano, que a partir dos anos 1970 irão se organizar o ódio e a intolerância em defesa de pautas voltadas para a promoção aberta da intolerância e da exclusão social (Diamond, 1995; Omi & Winant, 2015, pp. 185-209).

No campo do conservadorismo tradicional, os Republicanos, através da Direita Cristã e mais recentemente do *Tea Party*, tiveram sucesso em conquistar o “white trash” e parte significativa dos setores médios brancos aterrorizados pela proletarização em torno de um projeto neoliberal com toques de fundamentalismo religioso, racismo e xenofobia. Porém, viver no neoliberalismo se mostrou particularmente desafiador para esses setores, que depositários de esperanças na alternativa Republicana, se viram ao fim de aproximadamente 30 anos com empregos precários, direitos e espaços de organização política corroídos, soterrados pelo endividamento e muitas vezes desalojados, com imóveis arremastados por bancos e financeiras. A austeridade neoliberal comprometeu sensivelmente a qualidade de vida dos trabalhadores. O aumento da pobreza entre 2005 e 2014 é visível como mostra o gráfico 1 abaixo.

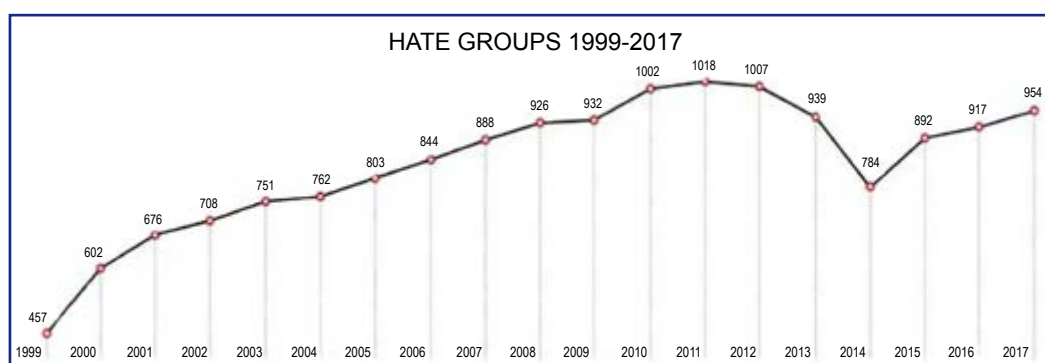
Gráfico – 1



Fonte: Us Census Bureau. 2009-2014 American Community Survey 5-year estimates.

O compromisso Republicano com essa parcela mais empobrecida ou em vias de proletarização, assentado em estratégias culpabilizadoras de minorias, estrangeiros e imigrantes, vem apresentando fissuras difíceis de sustentar. Quem irá capitalizar com isso e arregimentar essa revolta serão justamente os grupos de ódio, coletivos conservadores e fascistas que promovem abertamente o ódio, a intolerância, a violência e a exclusão, dentre os quais estão muitos coletivos e redes de mídia que integram a *Alt-Right*. Institucionalmente, apenas a bancada Republicana do *Tea Party* assume um projeto de ódio declarado e organizado. O crescimento desses coletivos é expressivo como pode-se ver no gráfico 2 e demonstrou todo seu poder elegendo Trump.

Gráfico – 2



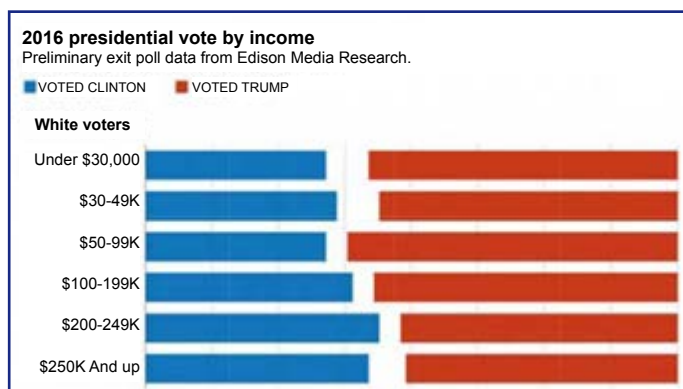
Fonte: Southern Poverty Law Center. Hate Map. <<https://www.splcenter.org/hate-map>>

Gráfico – 3

income			
	clinton	trump	other/no answer
under \$30,000 17%	53%	40%	7%
\$30k-\$49,999 19%	52%	41%	7%
\$50k-\$99,999 30%	46%	49%	5%
\$100k-\$199,999 24%	47%	48%	5%
\$200k-\$249,999 4%	49%	47%	4%
\$250,000 or more 6%	46%	46%	8%
24558 respondents			

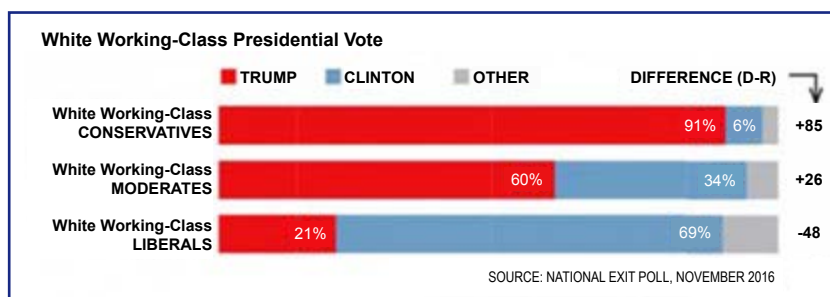
O voto em Trump, contudo, não deve ser mecanicamente atribuído à pobreza, vista de forma global e absoluta. Os dados referentes ao empobrecimento devem ser cruzados com dados étnico-raciais, uma vez que a maioria da população mais pobre é afro-americana, latina ou de origem imigrante, ou seja, não-branca. Assim, apesar de a maioria mais pobre ter votado em Hilary, os dados sobre o eleitorado branco da classe trabalhadora mostram maior inclinação por Trump.

Gráfico – 4



Fonte: Edison Research for the National Election Pool. <<https://elenemigocomun.net/2016/11/trump-neoliberal-fascism/>>.

Gráfico – 5



Grupos de ódio e o conservadorismo liberal

Os grupos de ódio compõem um arco político bastante variado. Nele encontram-se grupos de conformação política propriamente fascista e segregacionista, que não encontram maior receptividade no âmbito parlamentar, mesmo porque não investem no campo da política partidária ou em canais formais de representatividade institucional por desprezarem tais arenas de disputa política em virtude de um histórico de corrupção e pela adesão a princípios antiliberais.

Caso bem diferente ver-se-á com o conservadorismo tradicional. Essas vertentes menos agressivas do ódio organizado encontraram um espaço altamente frutífero no contexto da Guerra Fria, especialmente em coletivos tradicionais como a *John Birch Society*, *Young American for Freedom* e em periódicos supostamente intelectualizados como *National Review* e *The Freeman*. Esses grupos sedimentaram a articulação política e difusão ideológica de duas grandes tradições do pensamento político norte-americano, o conservadorismo social e o libertarianismo, alçando à notoriedade intelectuais conservadores como Russel Kirk, Robert Welch, Frank Mayer e William Buckley Jr. (Bianchi, 2015; Poggi, 2015, pp. 171-181). Esses intelectuais protagonizaram um movimento fundamental de articulação dessas duas tradições do pensamento político conservador, co-

nhecido como fusionismo, integrando num mesmo arcabouço filosófico-mental compromissos com a liberdade de mercado e uma agenda cultural conservadora e tradicional. É essa concepção de mundo, mais especificamente, que aparece no projeto político defendido pelo *Tea Party*, por parte da *Alt-Right* e por Trump.

Mas em que realmente consiste e o que defende essa vertente conservadora do liberalismo? Inspirado em Edmund Burke, Kirk propunha uma reforma ético-política com forte veio pedagógico de modo a ser capaz de pôr fim à influência comunista, preservar antigas tradições morais e resgatar um ideal de ordem ancorado em uma lógica aristocrática. Tal lógica entende a mudança social como um movimento natural e gradual, respeitando a história, instituições imemoriais, tradições e costumes, colocando-se avessa a transformações bruscas. Segundo Kirk, a influência comunista teria sido responsável pelo estabelecimento de uma “tirania das minorias”, conferindo direitos e espaços de negociação demasiados a mulheres, negros, judeus sionistas, homossexuais, ambientalistas, etc. Todos esses grupos teriam perturbado a ordem social norte-americana, imprimindo o caos social e turbulências generalizadas em favor de uma política de interesses. Tornava-se urgente um profundo processo regeneração nacional que viesse recuperar a necessidade de disciplina, a reverência à tradição, o respeito à ordem e aos lugares sociais, bem como restabelecer o propósito do trabalho e da família, fortalecendo os laços locais e dando real sentido à comunidade (Bianchi, 2015, pp.250-253).

Mayer e Buckley Jr. bebem de uma tradição mais clássica do liberalismo, menos conservadora em termos socioculturais e mais centrada na defesa do livre mercado e na crítica às intervenções do Estado, entendidas como expressões do coletivismo ou mesmo comunismo. Com eles temos uma defesa muito mais explícita do individualismo e uma concepção de sociedade e de relação social a partir dos parâmetros do mercado, onde as relações não passam de permutas entre indivíduos livres. Assim, quanto mais aberto, plural e livre o ambiente de escolhas, ou seja, o mercado, mais dinâmica e próspera seria a sociedade (*ibidem*, pp. 254-257). As reformas inauguradas desde o *New Deal*, bem como o conjunto de direitos civis conquistados nas décadas subsequentes, eram interpretadas como intervenções coletivistas, restringindo a liberdade e o ambiente de livre escolha dos indivíduos.

A grande contribuição política de Buckley Jr. foi ter justamente promovido através da revista *National Review*, a articulação entre essas duas grandes tradições, o liberalismo clássico e o conservadorismo tradicional. Ao longo das décadas seguintes, a *National Review* se consolidou como importante espaço de difusão do pensamento conservador norte-americano, inspirando diversos movimentos sociais como a Direita Cristã e a *Christian Coalition*, organizações como a *John Birch Society* e o *Young Americans for Freedom*, além de contribuir para uma reconfiguração de alas do próprio Partido Republicano, tendo Barry

Goldwater como principal figura representante dos interesses da bancada cristã e do que viria a ser o *Tea Party*.

Mais que um movimento solidamente centralizado ou mesmo orquestrado por uma ala conservadora do Partido Republicano, o *Tea Party* funciona como uma rede de organizações, que emerge no seio da crise de 2008 como uma reação às políticas adotadas pelo governo Obama para contornar a crise, especialmente a opção por salvar o grande capital (banqueiros e a indústria automobilística) e a aprovação do *American Recovery and Reinvestment Act*, aumentando gastos em um cenário de contração econômica. Suas raízes, porém, são muito mais profundas e residem, por um lado, em uma angústia social, calcada na política da frustração e no empobrecimento real discutidos acima; por outro, em uma ofensiva por parte de uma ala conservadora do Partido Republicano descontente com a eleição de Obama e o caldo multicultural supostamente inovador e transformador, representados na figura do presidente e em seu slogan de campanha “*Yes we can*” (Skocpol & Williamson, 2012, pp. 6, 7, 189).

O declínio econômico que se iniciou em 2008 foi no máximo um acelerador para a explosão do Tea Party, que em essência se configurou como uma reação política de Republicanos bastante conservadores alarmados com a presidência de Barack Obama e a ameaça de que os Democratas em Washington DC pudessem remodelar as políticas norte-americanas em longo prazo. Conservadores temiam que Obama e os Democratas usassem a crise nacional para apertar as regulamentações sobre as empresas, aumentassem impostos sobre os ricos e levassem a cabo programas sociais, beneficiando americanos mais jovens que são cada vez mais racialmente diversos (*ibidem*, pp. 189-190).

O resgate dos bancos em detrimento da população, afundada em dívidas por uma política de estímulo ao consumo através da facilitação do crédito, foi a gota d'água, o gatilho que deu origem ao *Tea Party*. Em fevereiro 2009 o repórter da CNBC, Rick Santelli, soltou a seguinte declaração no ar: “O governo está premiando mal comportamento” e convidava os verdadeiros capitalistas da América para um *Chicago Tea Party*, em protesto contra as medidas de subsídio estatal. Contra o que era entendido como uma reminiscência de tirania do governo federal, Santelli conclamava por uma atitude de autêntico patriotismo, alimentando o sentimento visceral de revolta e o ativismo no sentido de “resgatar o país perdido”. A declaração rodou as mídias e em pouquíssimo tempo se organizavam marchas, comícios, comitês de militância regionais, estaduais, encontros nacionais e *lobbys* partidários em torno de uma agenda particular: redução de impostos, corte nos gastos públicos, limitação do poder dos sindicatos, desobstrução

das regulamentações sobre empresas, controle sobre imigrantes, garantia de direito ao porte de armas, promoção da família tradicional e da agenda contra o aborto (*ibidem*, p.4). Agenda esta que remete claramente aos conservadores da Guerra Fria, Kirk, Mayer e Buckley Jr. e que finalmente encontrou terreno popular mais amplo e apelo entre as massas.

O intenso movimento de base é uma marca do *Tea Party*, mas o grande capital e a institucionalidade Republicana capitalizaram habilmente em cima da revolta popular, reforçando sua agenda liberal conservadora. A gigante *Fox News*, historicamente alinhada com o Partido Republicano, se tornou logo de início a grande porta voz, canal de divulgação das críticas e reivindicações dos *tea partiers*. A emissora cumpre também um importante papel de mobilizadora e divulgadora de eventos e protestos. Robustos organismos privados, verdadeiros aparelhos privados de hegemonia, fundados e sustentados por bilionários da petroquímica como os irmãos Koch e outras grandes famílias de empresários como Coors, Scaife e Olin também se alinham ao *Tea Party*, promovendo diversos eventos e atividades (*ibidem*, pp. 83-121).

Entidades como *FreedomWorks* e *Americans for Prosperity* viram no *Tea Party* um aliado de grande potencial e uma oportunidade para levar adiante suas pautas de redução de impostos para grandes empresas, restrição de regulamentação e controle estatal sobre o setor privado, privatização da seguridade social, particularmente do *Medicare*, e da educação pública através do sistema de vouchers. *FreedomWorks* ajudou a lançar o *Tea Party Patriots*, um grupo guarda-chuva sediado na Geórgia que trabalha fomentando o ativismo de base, organizando atividades e outros grupos locais e regionais em todo país. Dick Armey, grande liderança Republicana nos anos 1990, hoje atua como conselheiro para muitos políticos Republicanos, é diretor da *FreedomWorks* e porta-voz oficial do *Tea Party*. Tanto *FreedomWorks* como *Americans for Prosperity* estão intimamente conectadas com *think tanks* liberais tradicionais como *Cato Institute* e *Heritage Foundation*, retirando de suas pesquisas e avaliações muitas de suas propostas legislativas. As ligações com o *Tea Party* fez a lista de contato de *Americans for Prosperity* aumentar vertiginosamente, de 270 mil em 2008 para 1.5 milhão em 2011, o que possibilitou uma expansão para 32 estados (*ibidem*, pp.105).

Com movimento de base engajado, um tubarão da mídia como parceiro e robustos organismos privados patrocinando atividades políticas espetaculares, o lobby de candidatos desencadeou-se naturalmente. Muitos se aproximaram individualmente do movimento, outros chegaram através das organizações empresariais, cujos mecenas já tinham ligações com o Partido Republicano. Assim se deu o crescimento do *Tea Party* dentro do Partido Republicano. Como uma via de mão dupla, o partido arregimentou a revolta e reforçou sua base em prol de políticas neoliberais conservadoras e o movimento conseguiu um aliado fundamental para imprimir sua agenda e transformar críticas e propostas em políticas

públicas. Toda essa agenda radical de livre mercado é firmemente abraçada por Trump. Como veremos na última seção, boa parte das pautas defendidas por essas entidades foram pautas de campanha e vêm sendo efetivamente implementadas no primeiro ano de governo.

A opção pelo conceito de neoliberalismo para definir o governo de um sujeito declaradamente controverso, xenófobo e intolerante, pode gerar questionamentos quanto a um possível abrandamento do papel do discurso de ódio em seu direcionamento político. Com frequência o liberalismo é pensado no senso comum como intrinsecamente comprometido com a diversidade, com a inclusão e com a tolerância, ou seja, como intrinsecamente democrático. Em alguma medida, naturalizamos parcialmente a própria narrativa liberal, ou de uma corrente progressista do liberalismo, acerca de si mesma, entendendo a democracia como evolução natural e histórica do liberalismo (Merquior, 1991; Bobbio, 2000). Tal narrativa não apresenta qualquer sustentação histórica, haja vista que as conquistas democráticas e de inclusão social foram frutos de intensas mobilizações da classe trabalhadora a partir do século XIX, sofrendo feroz oposição do liberalismo em todo o mundo (Rudé, 1991; Hobsbawm, 1998; Losurdo, 2004). Contudo, daí deriva toda a relutância em ver Trump, sua xenofobia e intolerâncias como liberais e o impulso em buscar defini-lo como algo outro, avesso ao liberalismo, fascista, populista de direita ou mesmo, algo novo, um fenômeno político inédito.

Um olhar um pouco mais atento à experiência histórica nos revela justamente o contrário. Nesse sentido, ainda que observemos realmente traços de conservadorismo e intolerância em seu discurso e projetos, as contribuições do conservadorismo não chegam a colocar os fundamentos do liberalismo, o paradigma da busca da vantagem individual, da propriedade privada e do livre mercado em xeque. A política neoliberal, ancorada na ideia do tripé macroeconômico – caracterizado pela busca do equilíbrio fiscal, alcançado através de uma política de incentivo à exportação, da austeridade no tocante aos gastos públicos com políticas sociais e a implementação de contrarreformas e de ataques a direitos trabalhistas, políticos e sociais - continua sendo a tônica do governo Trump. O conservadorismo aparece muitas vezes na defesa de um conjunto de valores morais e da tradição, no respeito à história (do vencedor, claro) e ao legado de gerações precedentes, e no entendimento da mudança social como evolução molecular natural. Mas esses elementos não assumem a precedência sobre as relações de mercado ou sobre o indivíduo, protagonista incontestado da história.

Alt-Right: o que são e de que se alimentam?

Apesar de nossa avaliação do governo Trump como uma vertente excludente e intolerante do neoliberalismo, é de fundamental importância nos debruçarmos sobre o estudo do crescimento da cultura do ódio e suas formas de articulação

política no mundo contemporâneo e em especial no atual governo norte-americano, uma vez que pela primeira vez em muito tempo, uma variedade de supremacistas brancos - desde grupos neoconfederados a neofascistas - dizem sentir-se parcialmente representados na arena da política partidária. Para eles, Trump não representaria totalmente seus ideais, porém perceberam nele capacidade fazer americanos brancos se perceberem como brancos, legitimando uma concepção de mundo identitária e supremacista (Burley, 2017, pp. 43).

O ex-político e ex-líder da KKK, David Duke, conhecido supremacista branco e hoje radialista, encorajou seus ouvintes a votar em Trump. Uma matéria recente do NY Times trouxe declarações de outros representantes dessa vertente política. Segundo Richard Spencer, fundador do *National Policy Institute*, um *think-tank* dedicado à defesa “da herança, identidade e futuro dos descendentes de europeus nos Estados Unidos”, Trump “está trazendo a política de identidade para os brancos de volta à esfera pública de uma forma que ninguém fez. [...] Não acho que ele pense essa questão da forma que eu e algumas pessoas entendem. Acho que ele está reagindo à sensação de que ele perdeu seu país”. Andrew Anglin, editor do site neofascista *The Daily Stormer*, declarou: “Trump está disposto a dizer o que a maioria dos americanos pensa: é hora de deportar essa gente. Ele também não hesita em chamá-los de criminosos estupradores, assassinos e traficantes de drogas.” James Taylor e William Johnson, ambos ativistas do *American Freedom Party* foram categóricos: “Não precisamos de muçulmanos. Precisamos de brancos inteligentes e bem instruídos que vão assimilar nossa cultura. Votem em Trump².”

A campanha de Trump mobilizou particularmente um conjunto de coletivos e canais de mídia eletrônica articulados em uma rede descentralizada conhecida como *Alt-Right*. Criada em 2010 por Richard Spencer, a rede surgiu como uma alternativa ao conservadorismo tradicional, especialmente o encampado pelo Partido Republicano, criticado por ter se curvado vergonhosamente ao establishment, rendendo-se ao politicamente correto e às demandas das minorias.

A constelação de grupos e canais que conformam *Alt-Right* mobiliza-se fundamentalmente através da internet, em sites de postagem anônima como 4chan e 8chan, sites de notícias e comentários políticos como *Breitbart News*, *Daily Stormer* e *Info Wars*, além de *think tanks* como o *National Policy Institute*. A rede é politicamente variada, mas, de modo geral, recuperam uma tradição intelectual que remonta a Edmund Burke, Herbert Spencer, Oswald Spengler, Madison Grant, Giovanni Gentile e Julius Evola, Russel Kirk e os paleoconservadores, defendendo bandeiras como: nacionalismo branco, etnocentrismo, islamofobia,

² “For whites ensing decline, Donald Trump unleashes words of resistance”. New York Times. 13/07/2016. <http://www.nytimes.com/2016/07/14/us/politics/donald-trump-white-identity.html?_r=0>.

homofobia e antifeminismo, política externa isolacionista, nacionalismo econômico e direitos dos estados.

Em 2008, o historiador paleoconservador Paul Gottfried, em discurso na reunião anual do *H. L. Mencken Club*, resgatou as razões do gradativo rompimento dos paleoconservadores com o movimento conservador tradicional, até os anos 1980 unificado em torno da bandeira do fusionismo (liberalismo econômico + conservadorismo moral) e difundido pelos periódicos *National Review* e *Human Events*. Ao ser interrogado sobre por que não se juntar ao movimento conservador oficial que circunda o establishment Republicano, uma vez que eles controlam milhões de dólares, redes de televisão, jornais e revistas, múltiplas fundações e institutos, além de terem representantes no partido, Gottfried responde negativamente. Segundo ele, o problema central estaria no abandono das políticas públicas centradas na raça. Boa parte dos neoconservadores/neo-liberais não concentrava mais esforços significativos em questões ligadas à preservação da cultura ocidental, à exaltação da herança europeia, curvando-se às bandeiras da diversidade, imigração e do politicamente correto. Era preciso, então seguir um outro caminho, reorganizar-se, construindo novos espaços, encontrando outros interlocutores e estimulando o despontar de novos intelectuais³. Desse chamado à rearticulação e à mobilização política nasceu a ideia de uma direita alternativa, a *Alt-Right*, termo primeiramente utilizado por Gottfried nesse discurso e que inspirou rapidamente ativistas de pequenos coletivos voltados para defesa da preservação da “cultura ocidental” e do nacionalismo branco.

Pequenas organizações fascistas como *National Policy Institute* (NPI), fundado em 2005, sites de notícias sem maior expressão como *Breitbart News*, criado em 2007, e mesmo plataformas virtuais (*imageboard*) como 4Chan, criada em 2003, ganharam notoriedade e amplitude política sem precedentes, a ponto de catapultarem o surgimento de uma quantidade enorme de novos coletivos, *think tanks*, sites de notícias e comentários políticos, espaços virtuais de discussão e mobilização política. Em um espaço de poucos anos, a *Breitbart News* se tornou o principal espaço veiculador de ideias da *Alt-Right*; jovens frustrados inundaram as plataformas 4Chan e 8Chan com memes e comentários racistas, machistas e homofóbicos; o fundador do NPI, Richard Spencer, se tornou um grande articulador de *think tanks*, criando o site de informações *AlternativeRight.com* (2010), a editora *Washington Summit Publishers* e a radio online *Radix*; multiplicaram-se sites abertamente fascistas a exemplo de *The Right Stuff* (2012), *Daily Stormer* (2013) e *Fash the Nation* (2015).

³ GOTTFRIED, Paul. “The decline and rise of the Alternative Right”. Taki’s Magazine. December 01, 2008. <http://takimag.com/article/the_decline_and_rise_of_the_alternative_right/print#ixzz4iayGzNTu>.

Todos esses aparelhos contribuíram fortemente para a campanha de Donald Trump e foram fundamentais na mobilização eleitoral e constituição de uma base política diferenciada das habituais campanhas do Partido Republicano. Como enunciado acima, Trump não irá atender a todas as suas reivindicações, uma vez que sua base é bem mais variada e seus compromissos com setores mais tradicionais impõem-lhe amarras. Porém, eles estão parcialmente representados em seu governo. Trump trouxe para sua equipe indivíduos ligados a *Alt-Right*, alguns recentemente afastados. Steve Bannon, ex-presidente da *Breitbart*, foi chefe de campanha e nomeado estrategista da Casa Branca; Julia Hahn, também editora da *Breitbart*, foi indicada como assistente especial; Sebastian Gorka, analista militar ligado à Guarda Húngara e à Ordem de Vitéz, foi nomeado subsecretário de governo (Burley, 2017, pp. 80-81).

Concentremo-nos agora nas influências filosóficas e teóricas que embasam as ideias e concepções de mundo construídas e difundidas pela *Alt-Right*. Uma matéria publicada pela *Breitbart* em março de 2016 elucidando a origem e o caráter político da *Alt-Right* revela explicitamente algumas dessas referências.

As origens da direita alternativa pode ser encontrada em pensadores diversos como Oswald Spengler, H.L. Mencken, Julius Evola, Sam Francis e o movimento paleoconservador que se concentrou nas campanhas presidenciais de Pat Buchanan. A nova direita francesa também serve como fonte de inspiração para muitos líderes da *Alt-Right*⁴.

Aqui são citadas importantes referências do movimento revolucionário conservador alemão como Oswald Spengler, filósofo e historiador conhecido por seu pessimismo no tocante ao futuro da civilização ocidental e defensor de um regime cezarista ao fim da derradeira decadência do Ocidente. Outras referências mencionadas dentro do campo do conservadorismo tradicional são os paleoconservadores. Nomes mais recentes como o político Patrick Buchanan e o historiador Paul Gottfried se juntam à clássicos dessa corrente como Russel Kirk. Além deles, a matéria da *Breitbart* cita ainda intelectuais afinados com o fascismo como Julius Evola, filósofo apoiador de Mussolini e Hitler, ícone dos neofascistas italianos, e Samuel Francis, jornalista ligado a *American Renaissance*. Pelos nomes trazidos, podemos inferir rapidamente que os coletivos e espaços virtuais que compõem a rede da *Alt-Right* navegam por ideologias sensivelmente distintas, alguns mais marcados pelo conservadorismo tradicional, outros mais próximos do fascismo. Todavia, podemos encontrar indivíduos nesses espaços

⁴ "An Establishment Conservative's Guide To The Alt-Right". *Breitbart News*. 29/03/2016; tradução nossa. <<http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>>.

que expressem ou transitem por ambas ideologias, radicalizando suas posições em algum momento. É o caso de Steve Bannon, presidente-executivo da *Breitbart* e indicado a estrategista-chefe da Casa Branca, que faz referência com frequência às ideias de Edmund Burke e Julius Evola.

De modo geral a *Breitbart News* representa um desses espaços mais afinados com o conservadorismo tradicional. O teor dos artigos e comentários políticos apresentados no site remetem diretamente ao conservadorismo, com fortes críticas ao princípio de igualdade e justiça social, além da defesa do respeito às tradições e aos costumes. Autores como Edmund Burke e diversos paleocons como Russel Kirk, Pat Buchanan e Paul Gottfried são frequentemente citados. Há ainda diversos elogios à ala republicana conhecida como *Tea Party* e sua musa Sarah Palin, o que demonstra alguma afinidade e trânsito com espaços institucionais da sociedade política.

A base de tudo isso é a filosofia de Edmund Burke, influente pensador político irlandês do século XVIII, a quem Steve Bannon ocasionalmente faz referência. Em “Reflexões sobre a revolução na França”, Burke apresenta sua visão na qual a base de uma sociedade próspera não deve se assentar em noções abstratas como direitos humanos, justiça social ou igualdade. Preferencialmente, sociedades funcionam melhor quando tradições que se mostraram eficazes são passadas de geração em geração⁵.

Mas, em que consistira a proposta paleocon propriamente dita? Os paleoconservadores resgatam uma tradição clássica do conservadorismo, com origem em Edmund Burke e suas críticas ao princípio de igualdade e mudança via rupturas abruptas. A concepção conservadora preza pela continuidade e mesmo a mudança é vista como um processo evolutivo lento e gradual no sentido da transformação, respeitando as tradições, as hierarquias, os costumes e a história. Na concepção conservadora, diferente do liberalismo, o indivíduo é antes parte do todo social, está submetido a um universo de relações e instituições que o precedem e as quais deve respeitar, não se insurgir contra elas (BURKE, 2001). Segundo os paleoconservadores, os EUA seriam herdeiros de um conjunto de instituições e de uma história de origem europeia, representada pela cultura judaico-cristã, pela civilização ocidental e pela ideia de liberdade ordenada e garantida por uma estrutura constitucional, o Estado moderno.

No artigo “*The American Cause’ and the American Economy*”, de dezembro de 2017, a *Breitbart* recupera o legado e as contribuições de Kirk para pensar o

⁵ “What Steve Bannon really wants”. *Breitbart News*. 05/02/2017; tradução nossa. <<http://www.breitbart.com/big-government/2017/02/05/quartz-steve-bannon-really-wants/>>.

mundo atual. O trabalho mais conhecido de Kirk foi notadamente o livro *The Conservative Mind* (1953), no qual o autor tece longos comentários sobre Burke e elenca um conjunto de princípios que caracterizariam mentalidade conservadora (Kirk, 1960). Porém é em *The American Cause* (1957) que Kirk se dedica a analisar os elementos que conformam o conservadorismo norte-americano mais particularmente, ou seja a quintessência do que constituiria o conservador norte-americano. Ele destaca três princípios: um de fundo moral, centrado na natureza humana e sua relação com Deus; o segundo seria político, ancorado na ideia da liberdade federativa; e um terceiro de caráter econômico, que ele caracteriza como “economia livre”, que de modo algum se equivale a livre mercado. A economia livre não deveria se basear somente em critérios de produtividade, mas contribuir para construção de uma sociedade decente, trabalho gerador de frutos (*fruitfull work*), lazer suficiente (*sufficient leisure*) e ambiente de competição saudável (*hopeful competition*). Como destaca o artigo da *Breitbart*, a opção pelo livre mercado, a abertura dos mercados americanos ao comércio chinês altamente competitivos, devastaram a economia norte-americana, tornando insustentável o princípio da economia livre.

Em muitas partes do país “trabalho frutífero” e “competição saudável” são uma legenda mais que realidade, algo que pode ter existido para nossos ancestrais, mas que não é visto há gerações. Em nome do “livre comércio” matamos a economia livre. Ao invés de mudar de trabalho e de empregadores ao sabor do desejo, se acham transitando entre trabalhos mal pagos e trabalhando jornadas determinadas pelos empregadores. Não podem comprar o que querem, mas são forçados a comprar seguro-saúde. Não foi difícil para aqueles de mente aberta ouvir essas ideias nas palavras do presidente Trump no dia de seu discurso inaugural. Kirk estava descrevendo a economia da grande América dos anos 1950 enquanto Trump prometia “fazer a América grande novamente”, restaurando as instituições e ideias que têm sido abandonadas nas últimas décadas⁶.

Este pequeno trecho dá margem a duas grandes polêmicas, uma de fundo econômico, outra de fundo político. Referente à questão econômica temos aqui uma crítica tipicamente conservadora ao livre mercado. Notem, não é uma crítica à economia de mercado em si ou às relações de mercado, nem sequer uma crítica à busca individual pelo lucro, ou seja, o princípio da competitividade. É

⁶ “The American Cause’ and the American Economy”. Breitbart News. 29/12/ 2017; tradução nossa. <<http://www.breitbart.com/big-government/2017/12/29/american-cause-american-economy/>>.

uma crítica a um mercado totalmente desregulamentado, livre de quaisquer restrições ou regulações do Estado, um mercado completamente alheio à função social e voltado unicamente para reprodução ampliada do lucro.

Eis aqui um elemento-chave definidor do conservadorismo, que o distancia fundamentalmente das correntes do liberalismo. Das correntes mais clássicas do liberalismo, passando pelas sofisticadas discussões dos ordoliberalistas às mais radicais fantasias dos anarco-capitalistas, todas convergem para a sacralidade da liberdade de mercado, atrelada inclusive à noção de liberdade política e direitos individuais. O indivíduo livre para trocar no mercado - e aí reside todo o tipo de relações, posto que estas são basicamente pensadas como troca dentro de uma lógica utilitarista de vida - é o grande protagonista da aventura liberal. Diferente da concepção conservadora, que entende o indivíduo, suas relações de troca (mercado), seus anseios e projetos, como parte de um todo maior e anterior. O indivíduo no conservadorismo nasce, vive e se reproduz em um contexto determinado, ele tem uma história, tem passado e um legado, nunca é pensado descolado deles. Isso impõe limites à ação individual, algo inconcebível à lógica liberal.

Fica clara e compreensível, portanto, a crítica ferrenha de Gottfried aos anarco-capitalistas e sua proposta de fim do Estado através da privatização de todas as instâncias públicas de organização da vida social. Segundo as lentes conservadoras, a organização do governo no Estado cumpre um papel político e cultural-pedagógico, garantindo não somente as instituições administradoras do jogo político (senado, câmaras, parlamentos e ministérios), mas também a manutenção e legitimidade de instituições culturais tradicionais, como determinados conceitos de família, educação, cidadão, comportamentos corretos etc.

No meu entendimento, não há nada intrinsecamente de direita em negar as pautas da família e da sociedade ao indivíduo supostamente autônomo. Uma coisa é deplorar o moderno Estado de bem-estar como um veículo de mudança social grotesca ou sua violação da Constituição dos EUA. Outra coisa é crer que todas as estruturas de autoridade podem ser reduzidas a companhias de seguros surgidas para proteger a propriedade e a vida dos anarco-capitalistas. Essa crenças vão de encontro a tudo que conhecemos sobre natureza humana, e mesmo um desesperado crítico do bem-estar como H.L. Mencken nunca ansiou por destruir toda forma de governo⁷.

⁷ GOTTFRIED, Paul. "The decline and rise of the Alternative Right". Taki's Magazine. 01/12/2008; tradução nossa. <http://takimag.com/article/the_decline_and_rise_of_the_alternative_right/print#ixzz4iayGzNTu>.

Outro ponto central, profundamente caro aos paleocons e aos conservadores em geral refere-se à preservação da cultura e do modo de vida ocidental. Essa cultura de raiz declaradamente europeia, branca, patriarcal e cristã encontrar-se-ia em risco de extinção, ameaçada não somente por elementos externos, mas pelas próprias ambições do grande empresariado e de políticos neoliberais, coniventes com políticas de inclusão e a entrada de imigrantes. Em sua ótica, os olhos dos conservadores deveriam estar sempre voltados para preservação e defesa das “apoteoses da cultura ocidental europeia”, configurando-se como tarefa urgente, ainda que isso leve a sensíveis perdas financeiras.

Para conservadores, a cultura, não a eficiência econômica, é o valor determinante. Especificamente, eles valorizam as grandes expressões culturais de seus grupos. Sua sociedade perfeita não necessariamente produz um PNB estrondoso, mas sinfonias, basílicas e velhos senhores. A tendência do conservador dentro da Alt-Right aponta para essas apoteoses da cultura ocidental europeia e as declara dignas de valor, de preservação e proteção. [...] Os que se identificam com a Alt-Right descrevem conservadores do establishment que se importam mais com o livre mercado do que com a preservação da cultura ocidental, e que estão satisfeitos em colocar essa cultura em perigo com imigração em massa que serve ao propósito dos grandes empreendedores como cuckservatives⁸. [...] Os intelectuais da Alt-Right também argumentariam que cultura é inseparável de raça. Os Alt-Right acreditam que algum grau de separação entre os povos é necessário para que uma cultura seja preservada⁹.

Esse ponto da preservação da cultura ocidental europeia em especial é bastante delicado e muitas vezes entendido como expressão declarada de fascismo. É certo que esta pauta se fundamente em um princípio hierarquizante de culturas, mostrando-se claramente racista. Porém, a defesa da desigualdade, bem como a manutenção e o respeito a hierarquias e mesmo o racismo não configuram fascismo por si só. O conservadorismo tradicional não detém necessariamente um veio eliminacionista, nem precisa de um movimento de massa engajado e estrondoso. O conservadorismo admite conviver com a diferença,

⁸ Cuckservative é um termo pejorativo formado a partir da junção das palavras cuckold (corno, traído) e conservative (conservador). Refere-se a um conservador que covardemente se vende ao establishment e ao politicamente correto, abandonando os princípios do seu povo, sua cultura e o interesse nacional em troca de votos.

⁹ “An establishment conservative’s guide to the Alt-Right”. Breitbart News. 29/03/2016; tradução nossa. <<http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>>.

conquanto subalternizada social e politicamente, devidamente controlada por algum sistema segregacionista, que indique claramente o lugar social ocupado e permitido a cada um. Os subalternizados cumprem, assim, em alguma medida, um papel essencial nesse tipo de sociedade, marcando desigualdades não apenas em nível socioeconômico, mas no tocante à distinções sociais mais complexas, como status e outros estratos de cidadania. Soma-se a isso, o fato da prática conservadora, o modo de pensar e articular a política, ser também distinto do fascismo. O conservador é um elemento discreto, sóbrio, comedido e moderado em suas manifestações e celebrações, não apela à espetacularização da política.

Os membros realmente interessantes do pensamento *Alt-Right*, porém, e os mais numerosos, são os conservadores. Eles talvez estejam mais inclinados psicologicamente a se sentir desconfortáveis por ameaças à cultura ocidental pela imigração e por relações não-heterossexuais. Ainda assim, ao contrário dos *1488ers* [adoradores de Hitler], a presença desses elementos não causa explosões de raiva. Eles desejam construir suas comunidades homogêneas, claro, mas não desejam incorrer em pogrons no meio do caminho. Na verdade, eles prefeririam soluções não violentas¹⁰.

As alas propriamente fascistas que integram a *Alt-Right* estariam representadas em outros coletivos e espaços virtuais como: o *National Policy Institute* e a editora *Washington Summit Publishers*; páginas eletrônicas divulgadoras de notícias como *Daily Stormer* e *AlternativeRight*; produtores e divulgadores virtuais de *podcasts* como *Radix*, *The Right Stuff* e *Fash the Nation*. Aqui sim nos deparamos com um conservadorismo de corte propriamente fascista. Seus fundadores, produtores e contribuidores não têm pudor em explicitar um conteúdo racista, machista, antissemita, islamofóbico e lgbtfóbico virulento, apelam para violência direta e com frequência manifestam-se de forma chocante, apelativa, provocativa e sensacionalista, buscando sempre cobertura da imprensa. Em seus comícios e passeatas, como o “*Unite the Right*”, ocorrido em agosto de 2017 na cidade Charlottesville, podemos observar tais práticas de mobilização e manifestação política, conclamando as pessoas a saírem de casa para se manifestar, mostrarem a cara e irem às ruas com espírito claramente intimidador. Comumente os vemos queimando cruzes, alguns usando capuzes da Klan, portando bandeiras confederadas ou com símbolos nacional-socialistas como suásticas, águia imperial nazi ou ícones da SS.

¹⁰ “An establishment conservative’s guide to the *Alt-Right*”. *Breitbart News*. 29/03/2016; tradução nossa. <<http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>>.

Esses coletivos, ainda que não se sentissem plenamente representados, foram alimentados ao longo da campanha de Trump, pois ele fazia questão de defender não exatamente suas pautas, mas sua validade enquanto expressão política legítima. Eles, em contrapartida, reconheceram em Trump um aliado na luta em defesa da validade e legitimidade das pautas raciais de identidade branca e do nacionalismo branco, ainda que não haja condições de implementá-las propriamente. Como vimos no início dessa sessão, esse flerte pode ser interpretado como artifício de discurso, chamariz de votos, porém surtiu efeito não só eleitoral, sendo capaz de mobilizar para eleição uma parcela do movimento social já há algumas décadas descrente da aposta na prática política institucional, e fomentando a cultura do ódio através de inúmeras manifestações públicas, como o comício de Charlottesville, o aumento exponencial de crimes de ódio e os conflitos nas escolas¹¹.

As referências filosóficas aqui não excluem o conservadorismo tradicionalista, muitas ideias e autores paleoconservadores encontram espaço nas alas mais radicais da *Alt-Right*, mas esses aparelhos vão além. São recuperados pensamentos de autores como Julius Evola e concepções darwinistas sociais como de Herbert Spencer. Evola é uma das principais referências de Steve Bannon, é usualmente citado em matérias do *National Policy Institute* e do *The Daily Stormer*. A página eletrônica fascista *The Daily Stormer*, criada por Andrew Anglin em 2013, contém ao menos 6 *podcasts* e matérias que se remetem a Evola diretamente, dedicados à melhor compreensão das ideias e obras do autor¹². Nesses autores, o sentimento de ameaça diante da mera existência do outro, da mera convivência com o outro, é muito explícito. Por isso, suas propostas de solução ao problema são consequentemente mais virulentas, chegando à defesa do eliminacionismo.

¹¹ “Unite the Right, the violent white supremacist rally in Charlottesville, explained”. Vox. 14/08/2017. <<https://www.vox.com/2017/8/12/16138246/charlottesville-nazi-rally-right-uva>>. “Unrest in Virginia”. Time. <<http://time.com/charlottesville-white-nationalist-rally-clashes/>>. “Inside the Trump Effect: How One District Is Fighting Hate at School”. Rolling Stone. 23/03/2017. <<https://www.rollingstone.com/culture/features/trump-effect-how-one-district-is-fighting-hate-at-school-w465998>>. “School bullies are quoting President Trump to harass their classmates”. Metro. 28/06/2017. <<https://www.metro.us/president-trump/trump-racism-inspiring-bullying>>. “Understanding the Two-Part Trump Effect on America’s Schools”. ThoughtCo. 16/04/ 2018. <<https://www.thoughtco.com/trump-affect-on-american-education-system-4118208>>. “The Trump Effect: An Update”. Psychology Today. 30/01/2018. <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-time-cure/201801/the-trump-effect-update>>. “Hate crime surges in America since Trump presidency”. SkyNews. 14/05/2017. <<https://news.sky.com/story/hate-crime-surges-in-america-since-trump-presidency-10876580>>. “The Scope of Hate in 2017”. NYTimes. 01/06/2017. <<https://www.nytimes.com/2017/06/01/opinion/hate-crime-lebron-james-college-park-murder.html>>.

¹² <<https://dailystormer.name/tag/julius-evola/>>.

Spencer, em *The Principles of Biology* naturaliza e estende ao comportamento humano a relação de predação, observada entre os demais animais na natureza. Assim, as relações inter-raciais e mesmo entre indivíduos seriam entendidas a partir da transposição da lógica da predação, uma luta perpétua entre superiores e inferiores, na qual invariavelmente sucumbiria o inferior. Esse processo, segundo Spencer, seria fruto da própria dinâmica da evolução, portanto natural, não devendo ser sentido ou entendido com consternação, misericórdia ou pesar pela vítima. Ao contrário, a destruição e ruína do mais fraco deveria ser entendida e sentida como sacrifício em nome da evolução, do fortalecimento e da seleção dos melhores entre os melhores do todo social.

Temos provas irrefutáveis ao longo de todo o tempo passado que houve uma predação perpétua do inferior pelo superior, um devorar incessante do fraco pelo forte (Spencer, 1864; pp. 340-341; tradução nossa).

[...] a destruição do menos poderoso pelo mais poderoso é um meio de preservar o sofrimento da decrepitude e da incapacidade, e assim funciona beneficentemente. [...] Conquanto contemplarmos apenas a predação do inferior pelo superior, algo bom parece surgir do mau – uma certa parcela da vida de ordem superior é garantida sacrificando uma grande parcela de vida de ordem inferior. Conquanto também, deixemos para trás toda moralidade, desprezando os membros menos perfeitos de cada espécie, ficamos com os membros mais perfeitos para continuar a espécie; vemos benefícios compensatórios alcançados pelo sofrimento infligido (Spencer, 1864, pp. 341-342; tradução nossa).

O que temos aqui é mais do que uma naturalização e justificativa à desigualdade e às hierarquias sociais. Spencer nos traz uma naturalização e justificativa ao extermínio e à eliminação daquele entendido como mais fraco, menos apto e, portanto, inferior. Aqui, o diferente não pode nem deve permanecer como parte do todo social; é não apenas descartável, mas indesejado, pois provoca o enfraquecimento e retardamento da evolução do coletivo. Finalmente, Spencer defende ainda que não devemos ter empatia para com o mais fraco/inferior, que esse deve ser eliminado sem dó, posto que compromete a boa saúde do corpo social. Temos então uma defesa da insensibilidade e da falta de compaixão como parte do processo de evolução e de construção do paradigma dos fortes e superiores.

Já Evola, assim como o velho Spengler, é um desses filósofos obcecados pelo mito da decadência civilizacional do Ocidente, mais propriamente a decadência da civilização europeia, entendida como ápice da sociabilidade humana.

Evola se refere ao homem moderno, seu materialismo e individualismo exacerbado, sua obsessão e fixação no lucro e no crescimento material descolados do espírito (laicismo) como doenças incubadas, que devem ser eliminadas o mais rápida e eficazmente possível para que se resgate o ideal civilizatório e humano perdido. Inspirado pelo ocultismo reacionário, Evola compartilhava com o fascismo a visão de uma raça superior, porém seus fundamentos não se limitavam a uma raiz étnico-biológica, ou seja, ele não estava a falar somente da superioridade biológica do europeu; seu conceito de superioridade abarcava elementos comportamentais como virtude, princípios e altas ideias, disciplina e comprometimento, além de desenvolvimento espiritual. “Toda civilização tradicional é caracterizada pela preferência por seres que, por virtude inata ou superioridade adquirida sobre a condição humana, encarnam na ordem temporal [tempo dos homens] a presença viva e eficaz de um poder que vem dos céus” (Evola, 1995; pp. 7; tradução nossa).

Em seus estudos sobre a nobreza e os fundamentos do poder das civilizações tradicionais e das monarquistas europeias, Evola era bastante enfático em afirmar que a origem e legitimidade do poder era sobrenatural, de uma ordem universal superior. Deste ordenamento derivaria toda a ordem social, as diferenças sociais, a desigualdade, a nobreza de alguns e a inferioridade de muitos, posto que a verdadeira grandeza está no espírito, nos valores e se exprimiria social e materialmente como riqueza material, hierarquia superior e status. Os europeus, ainda que “superiores” a princípio, resvalaram em degenerescência, dada suas ambições mesquinhas e imediatas, seu laicismo e afastamento gradativo dos ordenamentos divinos. Trocaram a grandeza e nobreza da alma por meia dúzia de tostões. Isso levou à degeneração humana, à ruína dos homens em geral, uma vez que a civilização ocidental era vista como paradigma para todas as outras.

Há doenças que se incubam por muito tempo e se manifestam apenas quando seu trabalho oculto está quase finalizado. Esse é o caso da decadência dos modos que antes eram glorificados como civilização *par excellence*. Embora o homem moderno tenha conseguido perceber recentemente o futuro sombrio do Ocidente, há causas que têm sido ativas há séculos que contribuem para a degeneração material e espiritual (Evola, 1995; pp. XXVIII e XXXIX; tradução nossa).

A civilização ocidental precisa de uma completa mudança ou vai desmoronar a qualquer momento. Realizou a mais completa perversão da ordem racional das coisas. Reinado da matéria, do ouro, da máquina, do número, não possui mais respiro ou liberdade ou luz. O Ocidente perdeu o senso de comando e obediência. Perdeu o senso da ação e contemplação. Perdeu o senso de hierarquia, de poder espiritual e homens-deuses. [...] O Ocidente não conhece mais Estado: o

valor-Estado, o *Imperium*, como síntese de espiritualidade e realeza, como caminho para um “supramundo”, conhecido pelas grandes civilizações da antiguidade da China ao Egito, da Pérsia a Roma até o império romano do Ocidente, foi engolfado pelo mistério burguês de uma força combinada de escravos e traficantes. [...] E o laço aperta todos os dias em volta daqueles que ainda são capazes de enorme aversão e rebelião (Evola, 2007, pp. 17; tradução nossa).

Evola sempre se mostrou horrorizado diante da arrogância do homem moderno, liberal, em querer transformar o mundo a seu bel prazer, colocando-se como um Deus, artífice do mundo e da história. Como típico conservador, Evola acreditava no respeito a ordens superiores e aos desígnios do criador. Esta atitude moderna de inquietação e impertinência, o ímpeto revolucionário e seu apreço a mudanças bruscas, que inspirava movimento e demandas radicais como democracia, direitos e mesmo igualdade social causava-lhe asco e profundo desencanto com a modernidade. Sua solução, diferente dos conservadores tradicionais, era uma revolta igualmente radical aos perturbadores da ordem; a regeneração do mundo só poderia vir com a extirpação definitiva desses elementos e suas ideias perturbadoras.

A ideia de que o Estado deriva do *demos* e que o princípio de sua legitimidade e seu fundamento repousa sobre isso é uma perversão ideológica típica do mundo moderno e essencialmente representa uma regressão [...] Não existe uma natureza que seja “boa” em si mesma e na qual direitos inalienáveis de um indivíduo, que devem ser igualmente gozados por todos os seres humanos, sejam vividos e estejam enraizados (Evola, 1995, pp. 24; tradução nossa).

Sua tese principal [do livro] é a ideia da natureza decadente do mundo moderno. Seu propósito é apresentar evidências que sustentem essa ideia, tendo como referência o espírito da civilização universal, sobre as ruínas da qual tudo o que é moderno se erigiu; isso servirá de base para todas as possibilidades e a legitimação categórica de uma revolta, uma vez que só então ficará claro contra o que se está reagindo, mas, também e acima de tudo, em nome de quê (Evola, 1995, pp. XXX; tradução nossa).

Vejamos como isso aparece nas mídias fascistas da *Alt-Right*. Sensivelmente diferente da postura conservadora tradicional, o conservadorismo fascista tem tamanho medo do outro, a ponto de ver na mera existência ou perpetuação do outro uma ameaça à existência de seu modo de vida. Essa visão sobre o outro os deixa propensos e inclinados a soluções muito mais radicais do que restrição

à imigração ou parâmetros internos de discriminação. Eles devem ser expulsos. Percebam que não se está a falar em campos de extermínio, câmaras de gás ou fornos crematórios, porém este não deixa de ser um viés ou uma ótica eliminacionista, posto que se destina a expulsar o outro diretamente, colocá-lo como elemento indesejável ao convívio social e comprometedor do bom desenvolvimento do corpo social. Nas matérias abaixo, publicadas na página do *National Policy Institute*, está claramente colocada a ameaça de balcanização étnica dos EUA, o medo de “apagamento racial” e o clamor por medidas urgentes e vigorosas no sentido de impedir tal processo e assegurar a preservação da raça branca e da cultura europeia.

Boa parte do debate sobre o declínio dos brancos em suas terras tradicionais está centrado na imigração, especificamente a contínua chegada no Ocidente de um grande número de imigrantes de cor vindos das regiões mais pobres do mundo. Colonos vem pra ficar e não respeitam a soberania dos povos nativos estabelecidos, ao contrário, a negam e procuram removê-los para substituí-los pela reprodução ou regeneração de sua própria sociedade. Expulsão ou êxodo em massa, em verdade, é a única forma de pôr fim à colonização do Ocidente pelo terceiro mundo.

E o único grande obstáculo no sentido de evitar a eliminação é a crença hegemônica do Ocidente na igualdade como um bem moral absoluto, porque o último garante aos colonos direitos iguais e privilégios ante os nativos (não obstante os colonos serem *hostis*) e porque essa crença arrebenta de forma eficaz a possibilidade de uma crença oposta de moral no sentido da preservação e consciência racial branca. A não ser que uma nova lei moral de diferenciação seja formulada para apoiar uma ideologia e um arcabouço legal que justifique e permita sua autopreservação como entidade biológica única em sua própria terra, os brancos serão completamente apagados da Terra¹³.

O mesmo é pensado sobre aqueles que defendem o multiculturalismo, o politicamente correto e políticas afirmativas. Vistos como “traidores da raça”, o elemento politicamente divergente, ainda que pertencente formalmente ao grupo superior, trabalha no sentido de degenerar e comprometer o todo, insuflando a discórdia e difundindo ideais que prejudicam a evolução do corpo social. Note que esse elemento não é visto apenas no campo da esquerda, mas igualmente entre os liberais e os alguns conservadores moderados, que por se esquivarem do

¹³ “The Great Erasure”. National Policy Institute. 24/03/2013; tradução nossa. <<https://nationalpolicy.institute/2013/03/24/the-great-erasure/>>.

debate sobre a raça, não assumindo-o como um problema central, em algum nível acabam sendo coniventes e contribuindo com o avanço e proliferação dos inferiores e sua cultura.

O fracasso dos conservadores em capturar os fundamentos culturais das sociedades ocidentais contemporâneas explica apenas uma parte. O avanço do politicamente correto e do multiculturalismo também constituem fatores importantes em tornar a raça e as diferenças raciais tópicos impróprios para discussão social.

Basta um pouco de senso comum e algum brio para admitirmos que a raça é um fato das questões humanas e que diferenças raciais estão assentadas na natureza humana. [...] Isso explica porque os conservadores abandonaram o terreno de questões que um dia foram tão importantes pra eles: honestidade e verdade sobre a raça, diferenças de QI, igualitarismo, ondas de decadência social, restrições à imigração e a ameaça que a balcanização étnica coloca sobre o futuro da sociedade americana¹⁴.

Nesta outra matéria, publicada pela *AltRight*, página eletrônica criada por Richard Spencer, Collin Linddell e William Regney em 2010, podemos observar o impacto da discussão sobre raça no tocante à política educacional. Aqui o foco não são os imigrantes, mas os afro-americanos, igualmente percebidos como elemento externo, *alien*, que deve ser extirpado.

Escolas devem parar de perder tempo tentando estreitar as diferenças de aprendizado. E os brancos não apenas não têm nada do que se sentirem culpados, mas como são a melhor coisa que já aconteceu aos negros. Ainda que ignore a raça, a humanidade não vai progredir pela igualdade ou por elevar os realmente estúpidos ao nível dos ordinariamente estúpidos¹⁵ [Tradução nossa].

Considerações finais

Apesar do apoio declarado de grupos ultra nacionalistas e supremacistas brancos articulados em redes como a *Alt-Right*, o que notamos é que afora seu claro compromisso com o ataque e a perseguição às minorias, sua plataforma,

¹⁴ “Conservatives and race”. National Policy Institute. 20/10/2005; tradução nossa. <<https://nationalpolicy.institute/2005/10/20/conservatives-and-race/>>.

¹⁵ “Paleocons starts new extreme-right magazine”. Southern Poverty Law Center. 15/03/2010; tradução nossa. <<https://www.splcenter.org/hatewatch/2010/03/15/paleocon-starts-new-extreme-right-magazine>>.

contudo, tem muito pouco a oferecer ao dito americano médio. Trump rejeita abertamente a saúde pública gratuita e o aumento do salário mínimo. Apenas após sua nomeação oficial como candidato Republicano, declarou-se aberto a alguma discussão sobre o tema. Além de saúde privada e um evidente desconforto com políticas redistributivas, sua agenda social não vai muito além da defesa do direito de portar armas, da pena de morte e de programas educacionais alternativos à escola pública, como *charter school* e o *homeschooling*. Assim, sua estratégia para questões sociais se resume a transferi-las para o setor privado, transformando saúde, educação, habitação, correios e segurança pública (no caso as prisões) em serviços privados.

Suas propostas de construção de um muro eletrificado na fronteira com o México, rechaço ao Obamacare em prol de planos de saúde populares, revisão de tratados comerciais desfavoráveis ao trabalhador norte-americano (NAFTA e a China), reestruturação das forças armadas e combate ao terrorismo, proibição da entrada de imigrantes vindos do Oriente Médio, não contradizem a agenda neoliberal em sua essência, mas agregam a ela um nacionalismo típico da velha tradição conservadora americana. Declarações bombásticas, associando mexicanos a estupradores, traficantes e ladrões de empregos, objetificando e depreciando mulheres e homossexuais, atacando empresários com investimentos *off-shore* trazem à tona não a velha revolta dos *farmers* e o *US People's Party* do final do XIX contra banqueiros e plutocratas em favor de setores esmagados pela capital. Resgatam sim o mais recente ressentimento segregacionista e liberal radical representado por aquelas organizações e revistas da Guerra Fria, levadas a frente por candidatos como Wallace, Goldwater e Buchanan, posto que sua pauta não é em nenhuma medida crítica à forma de desenvolvimento do capital, seus monopólios e exclusões. Ao contrário, o cerne de seus projetos vem justamente no sentido do aguçamento dessas desigualdades e exclusões.

Consideramos mais adequado, portanto, definir a política de Trump como neoliberal. Entendemos que, em boa medida, seu discurso radical, agressivo e intolerante não são suficientes para considerá-lo como fascista, populista de direita ou representante *tout court* da extrema-direita, haja vista que suas polémicas e controvertidas declarações não tiveram sucesso em gerar políticas públicas desse teor. Ao contrário, boa parte das políticas públicas defendidas e levadas a cabo nesse primeiro ano de governo são neoliberais.

Referências bibliográficas

- APPLE, Michael. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BERLET, Chip & LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.

- BIANCHI, Alvaro. "Buckley Jr., Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos". In: VELASCO e CRUZ, Sebastião; KAYSEL, Andre & CODAS, Gustavo (orgs). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BURKE, Edmund. "Reflexões sobre as causas do descontentamento atual". In: WEFFORT, Francisco (org). *Os clássicos da política 2*. São Paulo: Atica, 2001.
- BURLEY, Shane. *Fascism today: what it is and how to end it*. Chico-CA, AK Press, 2017.
- DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in United States*. New York: Guilford, 1995.
- DRABBLE, John. "From white supremacy to white power: The FBI, COINTELPRO-WHITE HATE, and the Nazification of the Ku Klux Klan in the 1970s". *American Studies*, v. 48, n. 3, p. 52, 2007.
- DUMÉNIL, Gerard; LÉVY, Dominique. *A crise do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- EVOLA, Julius. *Revolt against the modern world*. Vermont: Inner Traditions International, 1995.
- EVOLA, Julius. *Heathen Imperialism*. Conway: Tompkins & Cariou, 2007.
- GOODWYN, Lawrence. *Democratic Promise: The Populist Moment in America*. New York: Oxford University Press, 1976.
- HOBBSAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e terra, 1998.
- HOSFTADTER, Richard. *The Age of Reform: from Bryan to F.D.R.* New York: Vintage Books, 1960.
- HOLLOWAY, John & BONEFELD, Werner. *Post-Fordism and Social Form: a marxist debate on the post-fordist State*. London: Palgrave Macmillan, 1991.
- KIRK, Russel. *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*. Chicago: Gateway ed, 1960.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MÉSZAROS, Istvan. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MILLER, Worth. "A Centennial Historiography of American Populism". *Kansas History: A Journal of the Central Plains*. 16, n. 1, pp. 54-69, 1993.
- OMI, Michael & WINANT, Howard. *Racial formation in the United States*. New York: Routledge, 2015.
- PARRINGTON, Vernon Louis. *Main Currents in American Thought: The Beginning of Critical Realism in America: 1860-1920*. New York: Harcourt, Brace, and World, 1930.
- POGGI, Tatiana. *Faces do Extremo: neofascismo nos EUA 1970-2010*. Curitiba: Prismas, 2015.

POLLACK, Norman. *The Populist Response to Industrial America*. New York: W. W. Norton, 1962.

RUDÉ, Georges. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SKOCPOL, Theda & WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party and the remaking of Republican conservatism*. New York: Oxford Univ Press, 2012.

SPENCER, Herbert. *The principles of Biology*. London: Williams and Norgate, 1864.

SWEEZY, Paul & BARAN, Paul. *Capitalismo Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

WOLFE, Alan. "Sociology, liberalism and the radical right", *New Left Review*. n.128, 1981.

WOODWARD, C Vann. *Tom Watson: Agrarian Rebel*. New York: Macmillan and Co., 1938.

Recebido em 14 de setembro de 2018

Aprovado em 10 de outubro de 2018